

## Invenções heterotópicas no Oeste da Bahia: a experiência do curso de Pré-ENEM do Programa de Extensão Re(ex)sistência LGBT

### RESUMO

**Carlos Henrique de Lucas**

E-mail:

[prof.chlucaslima@gmail.com](mailto:prof.chlucaslima@gmail.com)

Universidade Federal do Oeste da Bahia, Barreiras, Bahia, Brasil

**Marcio Rodrigo Vale Caetano**

E-mail:

[mrvcaetano@gmail.com](mailto:mrvcaetano@gmail.com)

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

**Denise Diele Alves de Sousa**

E-mail:

[denise.sousa@ufob.edu.br](mailto:denise.sousa@ufob.edu.br)

Universidade Federal do Oeste da Bahia, Barreiras, Bahia, Brasil

Esta escrita de inspiração ensaística constitui-se em um relato analítico de experiência das ações educativas promovidas pelo Programa de Extensão Re(ex)sistência LGBT, notadamente o seu curso de Pré-ENEM, que teve lugar durante os anos de 2017 e 2018, na cidade de Barreiras, Bahia. O texto discorre acerca de alguns impactos observados nas trajetórias educativas dos(as) estudantes que participaram das ações levadas a cabo pelo Projeto Re(ex)sistência. Entendemos que as atividades desenvolvidas na formação funcionaram como viabilizadoras de afetações – de afeto e de **afetação**, do substantivo afeminada –, verdadeiras invenções heterotópicas. O texto recorre ao conceito de heterotopias para pensar os espaços educativos inaugurados pelo curso e conclui no sentido de defender um maior envolvimento do Estado, via universidades públicas, em projetos agenciados **por** e **para** pessoas LGBT. Agindo-se dessa forma, contribui-se para a redução das desigualdades motivadas sobretudo pelo gênero e pela sexualidade dissidentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** movimentos curriculares; sociabilidades minoritárias; heteronormatividade.

## INTRODUÇÃO

Ao longo de toda a sua história brasileira, de um modo geral, as universidades constituíram-se enquanto espaços ocupados pelos membros das elites econômicas, sociais e culturais. Nesse sentido, são os sujeitos mais ricos que, no geral, vêm usufruindo das estruturas institucionais com vistas a garantir as legitimidades sociais e, com isso, a ampliação de seu poder e controle sobre as políticas públicas e instituições do Estado. Conhecedores desse cenário, os membros das famílias de classes média são incitados a ingressar nas universidades em busca de títulos que lhes permitam a habilitação socialmente legitimada para o ingresso nas estruturas de poder econômicas e sociais (BOURDIEU, 2007; RIBEIRO, 2006).

Diante desse quadro, as universidades brasileiras, não diferente de outras instituições do Estado, refletem as hierarquias e as desigualdades apresentadas na sociedade. O elitismo se evidencia nos dados de estudantes do Ensino Médio que ingressam no Ensino Superior. Enquanto 87,3% estudantes frequentam as instituições públicas de Educação Básica, na Universidade esse percentual cai para 27% (NIEROTKA, 2015). As vagas públicas, pelas razões enumeradas, dentre outras, têm sido ocupadas majoritariamente, ao longo da história, por estudantes formados em escolas privadas ou membros da classe média e rica da sociedade brasileira. A estrutura dualista que caracteriza o sistema de ensino no Brasil aloca os mais pobres nas escolas públicas e os mais ricos em instituições educacionais privadas. Otaiza Romanelli (2012) e José Carlos Libâneo (2012), ao analisarem essa situação, observaram o quanto o quadro se inverte quando pesquisado o Ensino Superior: as vagas das universidades públicas e gratuitas voltam-se, majoritariamente, aos mais ricos, enquanto as universidades e faculdades privadas recebem os membros mais empobrecidos da sociedade brasileira, no geral em cursos com baixo prestígio social.

A democratização do acesso à universidade, em particular da juventude de baixa renda, ganhou espaço entre as preocupações de governos e, sobretudo, da sociedade brasileira apenas recentemente, o que desencadeou algumas ações governamentais de interiorização da oferta de Ensino Superior e a expansão de suas vagas, a exemplo das ações afirmativas que incidiram diretamente sob grupos sociais mais empobrecidos e/ou excluídos. Marcio Caetano, Soledad Beck Gaivizzo e Treyce Goulart (2017, p. 97) argumentam que:

A discriminação histórico-social de que foram vítimas as gerações passadas tendem a transmitir às futuras as consequências de suas desigualdades estruturantes, constituindo-se em uma insuportável e inadmissível atribuição de ônus social, econômico, cultural, estético e subjetivo a ser carregado pela posteridade. As sequelas das discriminações não somente abatem os indivíduos, povos e populações, elas se fazem sentir no desenvolvimento da sociedade, afetando a identidade jurídica da democracia e o regime da cidadania. A justiça compensatória, portanto, teria a função de ressarcir os danos causados, tanto pelo poder público, quanto pelas pessoas físicas ou jurídicas, aos grupos sociais identificados. Entretanto, sua função não se limita aos grupos e indivíduos que diretamente são atendidos pela justiça compensatória. Ela interfere diretamente no aperfeiçoamento da democracia, à medida que os indivíduos possuem melhores condições ao exercício e embate político de cidadania no Estado democrático de direitos. Em outras palavras, os

benefícios são sentidos mais amplamente pela sociedade ao aperfeiçoar e qualificar a participação política de seus integrantes.

Com vista a aprimorar a cidadania no Estado democrático de direitos, o primeiro Projeto de Lei (PL nº 73/99) que tramitou no Congresso voltado à promoção da democratização do acesso às universidades públicas propunha a reserva de 50% das vagas das instituições de ensino superior públicas (IES) a estudantes oriundos de escolas públicas. A discussão manteve-se em pauta durante quase treze anos quando converteu-se na Lei Federal nº 12.711/2012 (BRASIL, 2012), sancionada pela Presidenta da República, Dilma Rousseff.

Os debates em torno do Projeto de Lei resultaram em avanços significativos, mas os retrocessos, quando observado esse projeto de lei, revelam as articulações lideradas por determinados setores da sociedade que buscaram e buscam orientar, a partir de seus princípios e interesses, as políticas de enfrentamento às desigualdades sociais (SANTOS, 2012; NIEROTKA, 2015), quase sempre mantendo seus domínios sobre as políticas públicas e instituições do Estado. A expansão, a despeito de sua inegável necessidade de crítica, elevou a presença dos(as) jovens com idade entre 18 a 24 anos nas universidades. Contudo, quando interseccionada a pobreza com outros marcadores sociais de diferenças<sup>1</sup>, a exemplo das identidades sexuais e raça/etnia, o cenário se altera.

Quando se pensa nas populações de Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Transexual e outras dissidência à heteronorma (LGBT+), o cenário descrito acima se complexifica. Alguns estudos (ANDRADE, 2012; SCOTE; GARCIA, 2020) têm demonstrado as enormes dificuldades que em especial as pessoas trans (travestis e transexuais) possuem para ingressar e permanecer tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior. Essa realidade vivida pelas pessoas trans independe da condição jurídica da instituição universitária. A despeito dos avanços, o nível de hostilidade, em várias situações, resulta na exclusão das pessoas trans ou daquelas que não performatizam os gêneros segundo as expectativas sociais (ANDRADE, 2012; SALES, 2019; CAETANO, 2016). Esse quadro nos levar a pensar, no que tange a essa população, que ainda vivemos no Brasil um *apartheid* de gênero. Com vistas a incidir sobre esse quadro foi que emergiu o Projeto de Extensão Pré-ENEM Re(ex)sistência LGBT.

Do total de seus/suas 100 estudantes nos dois anos de funcionamento do projeto, cerca de 30% desse total migraram de pequenas cidades da região para o município de Barreiras a fim de estudar no preparatório para o Exame do ENEM. Os fatores que levaram à migração não podem ser creditados exclusivamente na gratuidade do curso, pois os custos de deslocamento entre as cidades não compensariam tamanho investimento. Contudo, quando perguntamos aos/às estudantes LGBT+, em conversas informais, as razões que os/as levaram à cidade de Barreiras para estudarem, eles/as nos responderam que o preparatório reúne três fatores centrais: 1. Estar em Barreiras e longe do controle familiar; 2. A possibilidade de conhecer outras pessoas LGBT+ e ampliar suas redes de amizades e 3. A possibilidade de não vivenciar as mesmas experiências LGBTfóbicas experimentadas em suas trajetórias escolares. Em outras palavras, os/as cursistas estavam em busca de uma vida menos restritiva e na qual o peso da homofobia não se desse de maneira tão intensa. O Re(ex)sistência, de maneira geral, e o Curso de Pré-ENEM, de maneira específica, se inseriram nesse contexto, oferecendo caminhos para enfrentar as dificuldades de acesso ao Ensino

Superior e, sobretudo, o fortalecimento de suas subjetividades frente aos contextos conservadores aos quais estavam inseridos/as.

Por entender esse cenário, quando recebemos a informação de aprovação e classificação na linha temática na qual concorreremos<sup>3</sup>, do Programa de Extensão Re(ex)istência LGBT, a alegria que sentimos não coube em nós. Nós nos alegamos porque, para além de relevância da temática, minoritariamente identitária pois focada em pessoas LGBT, o Programa havia sido habilitado a receber cerca de R\$ 260.000,00 (duzentos e sessenta mil reais) para desenvolver suas ações. Fato é que, no momento da liberação dos recursos, parte considerável desse valor nos foi retirado devido a contingenciamentos realizados pelo Governo Federal da época. De qualquer forma, o Re(ex)istência LGBT representou, no momento de sua recomendação, uma vitória tanto para o campo das discussões em gênero e sexualidade dissidentes desenvolvidas no interior das universidades brasileiras, como, ainda, para as pessoas LGBT em situação múltipla e complexa de vulnerabilidade social, as quais constituíram o foco do Programa, que vivem no interior do Brasil.

O Programa previa em seu bojo uma série de atividades e tecnologias, ou projetos extensionistas, e, dentre eles, e sobre o qual nos debruçaremos aqui, destacamos o Curso de Pré-ENEM, que iniciou suas atividades letivas em 2017 e se estendeu, mesmo com dificuldades financeiras, no ano de 2018. O curso foi idealizado a partir do pressuposto de que as pessoas LGBT constituem um dos grupos de maior vulnerabilidade na escola (BENTO, 2011; ANDRADE, 2012; CAETANO, 2016). Pode-se afirmar, inclusive, que o conceito de evasão, no caso das pessoas LGBT, quando interseccionada pelos marcadores de classe, raça e performatividade de gênero, constitui-se, verdadeiramente, como **expulsão**. Assim, pensamos o curso de pré-ENEM para atacar parte dessa vulnerabilidade, e, ainda, com o propósito de criar espaços de sociabilidade, apoio mútuo e afetos entre as pessoas LGBT. Um espaço em que as pessoas se sentissem seguras e que viabilizasse a construção de subjetividades sem a sombra da violência e negação de suas existências LGBT empobrecidas, negras e/ou interioranas.

No que segue do texto, realizaremos algumas proposições teóricas e conceituais com vistas a colaborar com os debates sobre gênero e sexualidade dissidentes, em especial no que se refere aos espaços educativos e movimentos curriculares implicados nos fazeres e práticas tanto do Programa de Extensão Re(ex)istência LGBT e, mais especificamente, do curso de pré-ENEM, foco deste escrito.

### INVENÇÕES HETEROTÓPICAS E MOVIMENTOS CURRICULARES MINORITÁRIOS

As heterotopias, esses lugares **outros**, que podem ter espaço e tempo fora da **normalidade** (FOUCAULT, 2013), parece-nos, abundam em sociedades com elevado grau de regulação da vida. Regulação do corpo e de toda a sua potência criativa. O racismo, enquanto filho dileto da branquitude, constitui-se como um regime de regulação da vida. A heteronormatividade, igualmente nessa perspectiva, também, só que das sexualidades e dos gêneros que se querem dissidentes daquilo que é considerado normal e aceitável (CAETANO; TEIXEIRA SILVA JUNIOR, 2019). As heterotopias, então, seja como uma resposta das sociedades altamente reguladoras, seja, e como queremos aqui, e nisso apostamos, como instâncias de

subjetivação minoritária, lugar, ou melhor, contralugar e contratempo de afeto e **afetações**, abrem possibilidades muitíssimo interessantes de se analisar os modos de funcionamento do poder e, talvez, nos ajudem a pensar em maneiras de superá-lo.

Temos nos dedicado há já algum tempo a pensar não apenas sobre a heteronormatividade enquanto regime de governação da vida, como ainda, no que temos nomeado, de estratégias de sua derrisão. As linguagens pajubeyras (LUCAS LIMA, 2017), por exemplo, se constituem, em nossa perspectiva, como respostas de certa parcela das pessoas LGBT, em especial aquelas marcadas por racialidades não brancas e expressões de gênero não normativas, tal como as pessoas afeminadas, as quais elaboram linguagem e corpo, em um processo performativo, visando a zombar das normas e da violência do poder. Nesse sentido, as linguagens pajubeyras, em muitas das práticas do Pré-ENEM reivindicada pelos/as estudantes como linguagem, seriam respostas muitíssimo criativas de destituição da heteronormatividade e das lógicas de regulação da sexualidade e do gênero. É uma tese que nos parece importante e inédita, e sobre a qual já falamos em outro lugar, como mencionado.

Assim, as heterotopias são, por um lado, uma resposta **do** poder: o cárcere, o asilo, os reformatórios juvenis, o hospício, e, por outro lado, uma resposta **ao** poder: a sauna gay, os clubes de sexo, as linguagens pajubeyras, os espaços de **acuendação**<sup>3</sup>, as redes de sociabilidades juvenis nas escolas, dentre outros exemplos. Os guetos e os clubes de sexo, por exemplo, inauguram espaços outros nos quais a liberdade para viver prazeres e exercitar a capacidade de invenção do corpo é incentivada. Não desejamos nos deter nesses exemplos, e sabemos que a sauna gay e o clube de sexo apresentam limitações, talvez homonormatividades (OLIVEIRA, 2013), as quais foram já apontadas por Fernando Pocahy (2011) e outros, bem como dos clubes de sexo, como Camilo Braz (2009). Parece-nos, contudo, importante destacar que esses lugares, as saunas e guetos gays e os clubes de sexo, e em especial espaços públicos de **acuendação**, como parques e banheiros públicos masculinos, se constituem como uma espécie de contraespaço, resposta direta ao poder que busca normalizar sexualidades e gêneros que se distanciam, em alguma medida, da heterossexualidade. Heterotopias, portanto.

As heterotopias abrem, assim, possibilidades de rasura e escape dos regimes de assujeitamento. Esse conceito, o de heterotopias, parece-nos, nesse sentido, potente para pensar o Re(ex)istência LGBT, bem como seus projetos vinculados, como é o caso aqui específico deste texto com inspiração ensaística, o curso de pré-ENEM. Mais especificamente, o conceito nos ajuda a compreender a experiência do Re(ex)istência como um espaço educativo que inaugurou um movimento curricular subversivo. O que nos moveu aquando da proposição do curso foi não apenas a premissa já mencionada, qual seja, a expulsão de pessoas LGBT dos espaços escolares, como, e especialmente, o entendimento de que é imperativo que os e as sujeitos(as) minoritários(as) inaugurem espaços educativos e movimentos curriculares insurgentes. Os movimentos curriculares, defendemos, não se restringem à escola, mas guardam relação também com práticas e fazeres educativos de variados grupos sociais. A educação se constitui como algo abrangente produzido com e a partir das relações humanas e dos humanos, em condições cognitivas, com os demais elementos do ambiente. O fato que parece consenso é que:

[...] ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 1985, p. 7).

Ao considerarmos a afirmação do autor, entendemos que a educação ultrapassa os limites do ambiente escolar porque estamos, a todos os instantes da vida, realizando atos que produzem aprendizagens a partir de nossas experiências. Por meio da educação, desenvolvemos a capacidade e a potencialidade de “conhecer” e “experimentar”. Mas algo interpela essas dimensões e é central à construção do conhecimento e da experiência, o processo. Nesse sentido, a educação não se limita ou se alcança quando se ultrapassa a linha de chegada, estando suas dimensões constituídas ao longo de seu processo. No processo, encontram-se a dinamicidade de interações e ações entre os sujeitos, os grupos e demais elementos do ambiente, o que faz do processo um mecanismo capaz de produzir inúmeras experiências sociais.

Reconhecendo a legitimidade e a força da educação, os movimentos curriculares impregnados com seus conteúdos e significados sobre a vida, ainda que ausentes de questionamentos, não se constituem meras ações descritas ou neutras sem resultados práticos na vida. Nesse sentido, reconhecendo as instâncias educativas por onde passamos, a exemplo das escolas e, por sua vez, os interesses implicados nos seus fazeres pedagógicos, não limitamos, como já dito, a formação dos movimentos curriculares aos recursos da escola ou instâncias governamentais das políticas de educação. Assim, os entendemos como tecnologias pedagógicas (arquitetura, livros didáticos, vestimentas, mídia etc.), que significadas na e com a cultura e obedecendo determinadas lógicas de interesses, constroem, ensinam e regulam as performatividades, produzindo modos de subjetivação e arquitetando formas e configurações de estar e viver na sociedade (CAETANO, 2016). Nessa engrenagem educativa, não existe corpo livre de investimentos e expectativas sociais. Foi considerando o cenário e reconhecendo as linhas de fugas que as heterotopias poderiam nos constituir que, em consonância com o projeto encaminhado ao Ministério da Educação do Re(ex)istência, o curso de pré-ENEM se diferenciava de iniciativas similares ao: a) ser pensado **por** pessoas LGBT; e b) ser pensado **para** pessoas LGBT. O projeto respondia ao principal objetivo do edital PROEXT/MEC (BRASIL, 2016), isto é, o de promover políticas e ações vinculadas às minorias sociais LGBT. Foi, portanto, o projeto, uma ação identitária. Mesmo que compreendamos, do ponto de vista teórico, as identidades como encapsulamentos que, muitas vezes, mais atrapalham que ajudam<sup>4</sup>.

No primeiro ano de funcionamento, o curso de pré-ENEM atendeu, diretamente, a cerca de 50 jovens LGBT. A primeira edição do curso aconteceu no ano de 2017, no período de 16 de abril a 30 de outubro, de segunda a sexta, no horário noturno. Todas as 50 pessoas matriculadas possuíam graus elevados de vulnerabilidade socioeconômica. Muitas delas moravam com pessoas amigas, uma vez que haviam sido expulsas de casa. E, nesses casos, havia um grau duplo de expulsão: não apenas da escola como ainda da família. Isso nos chamou muitíssimo a atenção no momento de selecionar as estudantes do curso.

Às pessoas interessadas no curso, bem como nas demais ações do Programa, foi pedido, para além do preenchimento de formulário de interesse, que

escrevessem os motivos que as levavam a solicitar uma vaga na atividade. Registramos alguns relatos que apontavam, então, o abandono da família, abandono esse que, por vezes, segundo as narrativas analisadas, se caracterizavam como **abandonos psicológicos**, já que, nesses casos, os e as jovens permaneciam com suas famílias. A escolarização dessas pessoas não apenas limitava-se a satisfazer os discursos meritocráticos que buscavam justificar a ocupação de espaços de poder por meio do esforço meramente individual (CAETANO; BECH GAIVIZZO; GOULART, 2017), vencer as barreiras impostas representava para esses/as estudantes uma resposta aos/às seus/suas familiares que em decorrência homolestransfobia os/as expulsaram/abandonaram de/em casa. Foi essa dupla expulsão, então, que nos fez compreender que, de fato, as ações vinculadas ao Programa estavam no caminho acertado, uma vez que tinham a pretensão de investir na construção de **parentalidades alternativas**, ou seja, elos de afetos e afetações que transcendessem as por vezes precárias relações familiares das(os) jovens participantes do projeto.

Chamou-nos a atenção, ainda, o elevado grau de isolamento social dos e das jovens LGBT que procuravam o Programa. Muitas e muitos deles e delas relatavam ausência de amigos e amigas. E o curso e o Programa, de maneira geral, estavam imbuídos da pretensão de responder a essas lacunas afetivas, além, é claro, das educacionais, muito embora, como nos parece estar ficando patente, não dissociemos afeto e educação. Em linhas gerais, é possível dizer, em consonância com o que observamos ao longo da experiência de oferta do curso, que os afetos desenvolvidos no interior de uma prática de perspectiva política minoritária se constituem enquanto uma tecnologia de subjetivação. E muitíssimo potente. São as parentalidades alternativas.

Em pesquisa realizada em 2016 (LUCAS LIMA et al., 2017), bem como em trabalho de conclusão de curso por nós orientado<sup>5</sup>, chamou-se a atenção para as quadrilhas juninas enquanto espaços de heterotopias, uma vez que permitiam sociabilidades, de formas muitíssimo intensas, de pessoas LGBT. Contudo, as pesquisas mencionadas detectaram, por outro lado, a inexistência de outros espaços, apesar de, por pouquíssimo tempo durante o ano de 2014, ter funcionado na cidade de Barreiras um bar “gls”, como se nomeava, o qual deixou de existir pouco tempo depois. O programa e o curso de pré-Enem, dessa forma, constituíram-se em um espaço de sociabilidade e de afetos, tornando possível o fortalecimento das ações afirmativas na região.

Em abril de 2017 iniciam-se as aulas do curso com aproximadamente 50 estudantes matriculados(as), todos e todas declarados(as) LGBT's, e a ampla maioria deles(as) com elevados índices, como mencionamos, de vulnerabilidade. Percebemos, ao longo do curso, que o projeto não mais era apenas um espaço de produção de retomada de conteúdos necessários à aprovação no ENEM, mas, e sobretudo, um espaço de construção de afetos e receptividade. Um local heterotópico de viabilização e (re)construção de subjetividades, muitas delas violentadas pela heteronorma.

As aulas do cursinho foram planejadas no esboço do projeto, quando lançamos o formulário prévio de interesse em nossas redes sociais, já consultamos os/as interessados/as sobre a disponibilidade de horários, dificuldades em conteúdos ou disciplinas considerando que a maioria era de escola pública e a partir desse levantamento ajustamos o nosso plano pedagógico. As disciplinas eram planejadas com as pessoas monitoras e, ao longo do cursinho, eram

ajustadas às necessidades das pessoas estudantes. As aulas aconteciam no período noturno porque parte das pessoas estudantes trabalhava durante o dia ou morava em cidades vizinhas. A maior parte se autodeclarou preta ou parda e a racialidade se constituiu como um ponto importante para compreendermos as condições sociais do público. No formulário prévio perguntamos quais as maiores dificuldades encontradas em ambiente escolar, e o racismo e a homolebotransfobia apareciam como uma constante na convivência escolar. Um outro elemento que recorrentemente apareceu foi as dificuldades financeiras. Quando perguntamos por que desejavam participar do cursinho, as respostas estavam alinhadas com as suas principais dificuldades no ambiente escolar. Para além de querer ingressar no Ensino superior, as/os candidatas/os diziam também que queriam se sentir acolhidas/os e acreditavam que a proposta de um cursinho direcionado para pessoas LGBT poderia proporcionar o acolhimento que a escola não lhes proporcionava.

O quadro de abjeção a que estão submetidas as pessoas LGBT é bem mais alarmante do que disseminação dos dados oficiais dos entes federados. O grau de homolestransfobia é um indício evidente de desrespeito à expressão sexual daquelas pessoas que não se enquadram nas expectativas heteronormativas (CAETANO, 2016). Esse quadro nos leva a pensar que vivemos a institucionalização no Brasil da discriminação quando consideramos a resposta do Estado a violência. Como destacaram Zulmira Borges, Guilherme Passamani, Mariene Ohlweiler e Muriel Bulsing (2011, p. 33)

[...] muitas discriminações e brincadeiras em torno dos que são ou parecem ser homossexuais são geralmente ignoradas, porque há uma dificuldade no ambiente escolar para definir o que é uma situação homofóbica. O que é homofobia pra uns é apenas brincadeira para outros. Aí reside um dos problemas do conceito; se não houver agressão física extrema que ameace a vida de alguém, o resto parece ser tolerado como uma brincadeira normal dos adolescentes. A questão parece ser sobre esse limite do que é ou não aceitável. As professoras realmente se consideram contra a homofobia, mas é muito comum também entenderem que determinados comportamentos e vestimentas são uma afronta à vida na escola. Como já foi referido antes, é comum a noção de que o bom comportamento dentro da escola deva incluir uma adequação do gênero ao sexo e também à heteronormatividade.

Se entendemos que o corpo se constitui como o território relevante à contestação da norma, o teremos como provisório, conjuntural e, sobretudo, histórico. Nesse sentido, não lhe cabe natureza ou imanência. Assim, nos parece que as autorias destacadas até aqui entendem a necessidade de verificar a natureza do corpo como um estatuto a ser contestado. Interrogar os discursos sobre o corpo foi uma tônica no pré-Enem e com ela eram recorrentes os destaques e os interesses que produziam as hierarquizações em torno do positivo, belo, saudável e jovem. Ao considerar que essas definições, como nos ensinou Michel Foucault (1987), são constantemente atravessadas por relações de poder, os corpos úteis, produtivos e inteligíveis dentro de uma lógica dicotômica e normativa, e que imperam nas práticas pedagógicas dominantes, acabam por deslegitimar as existências LGBT. Muitas das narrativas dos/as cursistas iam nesse sentido quando remetiam às suas experiências escolares.

A partir de uma perspectiva sociocultural, o curso de pré-Enem modifica as práxis tradicionais, porque as aulas, mesmo seguindo uma lógica de preparar as estudantes para o exame nacional do Ensino Médio (ENEM), pautaram-se por correlacionar as temáticas trabalhadas nos espaços educativos com a realidade delas. Buscou-se provocá-los(as) a pensar que educação e sociedade estão interseccionadas. Não só os/as estudantes como todas as partes envolvidas na construção do curso compreendemos, e intensamente sobre isso dialogamos, que a educação precisa ser construída levando em consideração as subjetividades dos(as) sujeitos(as) envolvidos(as). O espaço heterotópico sobre o qual falamos se baseia no afeto, mas não em um afeto romantizado: trata-se de um afeto, uma potência, que afeta – que toca e conseqüentemente transforma – as vidas e práticas das pessoas envolvidas

Durante o intervalo das aulas, os estudantes, conversavam, trocavam suas experiências de vida e as levavam para o debate em sala. As temáticas utilizadas nas redações, por exemplo, eram extraídas das provocações trazidas pelos(as) estudantes. Temas como rejeição social, violência, inclusive morte, como os assassinatos de pessoas LGBT<sup>6</sup>, ocupavam as discussões em sala. Sobre essa temática em particular, cabe destacar que ela apareceu em diversos momentos das práticas educativas do curso, o que nos leva a perceber como a morte marca a subjetivação LGBT. Alguns estudantes gays relatavam durante as atividades de escrita dos textos acerca de suas experiências com a violência e com o perigo. O assassinato de Sabrina Salles, por exemplo, foi fato bastante presente nos relatos de algumas pessoas, em especial das estudantes trans.

Essas interpelações temáticas, assim, trazidas pelas e pelos estudantes, alteraram, em cheio, os currículos desenvolvidos para o curso de pré-ENEM. Mesmo que pensados **por** e **para** pessoas LGBT, ao serem confrontados com as vivência e expectativas das e dos estudantes, tais currículos foram profundamente alterados, tanto nas matérias humanísticas quanto nas de exatas e biológicas. Contribuiu para esse movimento, em nossa análise, a ministração das aulas por estudantes vinculados/as aos bacharelados interdisciplinares, essas experiências formativas atualmente desenvolvidas por algumas universidades brasileiras, dentre elas a UFBA, a UFSB e a UFOB, na qual há em funcionamento dois cursos interdisciplinares: o de Ciência e Tecnologia e o de Humanidades. Nossa hipótese é que as e os instrutores/as estudantes desses cursos de graduação possuíam maior sensibilidade pedagógica para perceber as interpelações que as vidas das estudantes LGBT do curso de pré-ENEM traziam ao espaço de aprendizagem.

Mas retornando à questão da temática da morte e da violência, recorrentes no curso, por ocasião da Aula Inaugural do primeiro ano do curso de pré-ENEM, lançamos a seguinte reflexão às pessoas presentes ao evento:

O perigo que nos cerca, o risco que algumas vidas correm cotidianamente não só no Brasil, como também no mundo todo pelo fato, nada simples, de serem LGBT. Por não se conformarem a uma norma de gênero e de sexualidade, que nomeamos heteronormatividade, a qual regula a vida de tudo e todos, punindo duramente aqueles que dela se distanciam ou que a subvertem de alguma forma. Como diz a Bíblia, livro que contra nós tanto se gosta de esgrimir, tal como uma espada: “somos entregues à morte todos os dias; fomos considerados como ovelhas para o matadouro”. E eu pergunto a vocês reunidas e reunidos hoje aqui: quem nunca se sentiu

sob risco? Quem nunca teve medo de perder a vida por conta de sua sexualidade e/ou de seu gênero destoante da heteronormatividade? Quem nunca olhou para trás, ofegante durante uma noite pesadamente escura, à procura de um agressor, real ou imaginário? Quem não se expôs a um grande perigo, a um risco, pequeno ou grande, mas um risco, ao se inscrever neste pré-Enem de um Programa de Extensão cujo título carrega as por vezes pesadas letras LGBT?<sup>7</sup>

Mesmo, portanto, sendo a morte tema presente nos processos de subjetivação LGBT, assim como, arriscamo-nos a apontar, nas subjetivações negras e periféricas, um dos objetivos centrais do programa e do curso de pré-ENEM repousou, ao contrário, na aposta da **afetação** – de afetos e **afetações** afeminadas. Afetar vidas. Talvez em um movimento de afeminação, um devir outro. E nos parece, nesse sentido, que as atividades do Programa, de maneira geral, se direcionaram para isto: a aposta e a posta em cena de um devir-minoritário, em proliferação molecular, uma ferramenta, quase que uma máquina de guerra, contra as normatividades sexual e de gênero.

O Programa de Extensão Re(ex)sistência LGBT desenvolveu ações vinculadas ao curso de pré-ENEM, como a Oficina de Arte-Performance, o Curso de Extensão Cultura, Gênero e Sexualidade<sup>8</sup>, o Bazar LGBT, o Dezembro Arco-Íris, o Curso Feminismos no Presente, o I Seminário de Mulheres Lésbicas e Bissexuais do Oeste Baiano, o Dia da Re(ex)sistência, dentre outras muitas ações não menos importantes<sup>9</sup>. Das ações desenvolvidas pelo Programa, os(as) estudantes do curso eram convidados(as) a participar, tanto como assistentes quanto como protagonistas. E diversos(as) estudantes, de fato, passaram a compor as demais ações, como ainda a se envolverem ativamente em sua organização. Exemplo emblemático disso foi o envolvimento dos(as) estudantes do curso com o Dia da Re(ex)sistência, que consistiu em um momento de celebração da memória e da história das comunidades LGBT do Brasil e de outras regiões do mundo. O evento também envolveu exposição de fotografias, desenhos e apresentações performáticas, todas elas protagonizadas e/ou organizadas por estudantes do curso de pré-ENEM.

O curso oferecia o componente curricular de temas contemporâneos e interdisciplinares, uma espécie de diálogo sobre assuntos candentes. Nessas oportunidades, os e as estudantes podiam se colocar nas discussões, aprendendo, a partir de experiências e memórias coletivas das pessoas LGBT, a construir textos e exposições orais qualificadas. Essa nos parece ter sido uma das mais especiais experiências do curso, uma vez que é a vida mesma dos(as) sujeitos(as) que provoca o currículo. Que o interpela.

Investimos, também, na contratação de instrutores(as) que eram estudantes da Universidade na qual o Programa estava inserido. E, muitas dessas pessoas, igualmente, eram LGBT. Dessa forma, as e os estudantes sentiam-se bastante à vontade para conversarem sobre suas questões, trazendo-as para a sala de aula. Uma verdadeira aprendizagem pela diferença.

Identificar as necessidades das pessoas e transformá-las em ações – em políticas – não é apenas papel do Estado, mas é, também, dever da universidade pública, posto que, como componente do Estado, é, a Universidade Pública, parte fundamental nos processos de combate às desigualdades socialmente motivadas. Assim, o projeto do curso de pré-ENEM se constituiu não só como uma ação

atrelada a um grupo de professores preocupados e comprometidos com a temática LGBT, mas também da própria instituição, que assumiu o projeto como seu, responsabilizando-se, pelo menos em parte, por custos para além daqueles compreendidos no interior da rubrica aprovada pelo Ministério da Educação. A UFOB, além disso, disponibilizou uma sala para a guarda dos equipamentos do Programa, e na qual funcionava a secretaria do curso de pré-ENEM, como, ainda, os materiais escolares necessários à ministração das aulas, tais como cadernos e blocos de papel.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre o acesso de estudantes LGBT com elevados índices de vulnerabilidade no ensino superior conduz, inevitavelmente, a questões centrais motivadas pelas problemáticas envolvendo as desigualdades educacionais, as hierarquias sexuais e raciais, entre tantas outras, a intensa seletividade nos processos de acesso à universidade. As inúmeras pesquisas que citamos ao longo do texto vão na direção de que a escolarização ainda não deu conta de vencer as estruturas desiguais que organizam o Brasil e esse cenário amplia-se quando considerado os marcadores raciais e produzidos pelas identidades LGBT revelando formas precárias de inclusão no sistema de ensino. Não nos restam dúvidas de que a intencionalidade almejada com a democratização do ensino depende, em grande medida, do fortalecimento das ações do poder público em todos os níveis e de políticas de enfrentamento à pobreza, ao racismo, ao sexismo e à discriminação contra LGBT. Pensamos que já foi suficientemente demonstrado em inúmeras pesquisas que os problemas que envolvem o acesso à universidade não são propriamente do Ensino Superior, mas de inúmeros processos contundentemente excludentes de uma sociedade historicamente desigual e profundamente hierárquica.

O Re(ex)istência LGBT, por meio de suas ações de extensão, propôs ferramentas visando à autonomia das pessoas dissidentes de gênero e sexualidade. Um dos objetivos do curso, no momento de seu planejamento, era preparar as pessoas participantes para a prova do Enem com vistas à obtenção do certificado de ensino médio. Contudo, com a retirada dessa finalidade dentre os propósitos do exame nacional (BRASIL, 2020)<sup>10</sup>, tal objetivo se viu prejudicado. Apesar disso, ao auxiliar, nas duas edições do pré-ENEM, cerca de 25 estudantes a ingressar na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), dentre alguns/mas outros/as em diferentes instituições, como a Universidade de Brasília (UNB), na qual um de nossos estudantes ingressou no curso de Antropologia, compreendemos que o pré-ENEM cumpriu um de seus principais objetivos: potencializar a capacidade de agência de nossos(as) estudantes LGBT.

O curso de pré-Enem foi importante porque não só oportunizou o acesso ao Ensino Superior a um número considerável de seu público, mas por chamar a atenção para a necessidade de o Estado empenhar-se para a necessidade de democratizar o acesso a essa categoria de ensino, abrindo-se a uma parcela da população brasileira ainda pouquíssimo presente nas universidades, sobretudo se se pensa nas pessoas travestis, transexuais e transgêneras.

# Heterotopic inventions in Western Bahia: the experience of the Pre-ENEM course of the Re(ex)sistência LGBT Extension Program

## ABSTRACT

This essay writing is an analytical account of the experience of the educational activities promoted by the LGBT Re(ex)sistência Extension Program, notably its Pre-ENEM course, which took place during the years 2017 and 2018, at city of Barreiras, Bahia. The text discusses some impacts observed in the educational trajectories of the students who participated in the actions carried out by the Re(ex)sistência Project. We understand that activities developed in the training functioned as enablers of affectations - of the effeminate noun -, true heterotopic inventions. The text uses the concept of heterotopias to think about the educational spaces inaugurated by the course and concludes in the sense of defending a greater involvement of the State, through public universities, in projects managed by and for LGBT people. By acting in this way, it contributes to the reduction of inequalities motivated mainly by dissident gender and sexuality.

**KEYWORDS:** Curricular movements; Minority sociability; Heteronormativity.

# Invenciones heterotópicas en el oeste de Bahía: la experiencia del curso Pre-ENEM del Programa de Extensión Re(ex) sistência LGBT

## RESUMEN

Esta escritura de inspiración ensayista es un registro analítico de la experiencia de actividades educativas promovidas por el Programa de Extensión Re(ex)sistência LGBT, especialmente su curso pre-ENEM, que tuvo lugar durante los años 2017 y 2018, en la ciudad de Barreiras, Bahia. El texto discute algunos impactos observados en las trayectorias educativas de los estudiantes que participaron en las acciones llevadas a cabo por el Proyecto Re(ex)sistência. Entendemos que las actividades desarrolladas en la formación funcionaron como facilitadores de las afectaciones (de afecto y afectación, del sustantivo afeminado), verdaderas invenciones heterotópicas. El texto utiliza el concepto de heterotopias para pensar en los espacios educativos inaugurados por el curso y concluye en el sentido de defender una mayor participación del Estado, a través de universidades públicas, en proyectos gestionados por y para personas LGBT. Al actuar de esta manera, contribuye a la reducción de las desigualdades motivadas principalmente por el género y la sexualidad.

**PALABRAS CLAVE:** Movimientos curriculares; Sociabilidad minoritaria; Heteronormatividad.

## NOTAS

<sup>1</sup> Os marcadores sociais das diferenças, segundo entende Júlio Assis Simões (2011, p. 170), evocam “estes recortes transversais que produzem não só a diversidade, mas também a hierarquia e a desigualdade ‘no interior’ da suposta ‘comunidade imaginada’”. Tais recortes, a exemplo da “raça”/etnia, geracionalidade, gênero, sexualidade, classe, dentre outros, constituem as nossas identidades e não devem ser compreendidos como uma lista de itens que se enfileiram, mas sim como diferenças que, de maneira interseccional, produzem identidades complexas e, por vezes, aparentemente contraditórias.

<sup>2</sup> A lista dos programas e projetos aprovados no âmbito do Edital PROEXT-MEC (BRASIL, 2016) pode ser conferida neste link: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=19541-resultado-final-proext-2016-programas-pdf&category\\_slug=setembro-2015-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=19541-resultado-final-proext-2016-programas-pdf&category_slug=setembro-2015-pdf&Itemid=30192).

<sup>3</sup> A **acuendação** para as linguagens pajubeyras diz respeito à realização de práticas sexuais dissidentes da heteronorma que acionam lugares heterotópicos, isto é, cujo sentido primeiro é deslocado e transformado, como, por exemplo, o sexo em banheiros públicos e parques urbanos.

<sup>4</sup> Sobre o tema, recomendamos a leitura do livro Stonewall 40 + o que no Brasil, organizado por Leandro Colling (2011).

<sup>5</sup> Referimo-nos ao trabalho “Quadrilhas Juninas de Barreiras - BA: um espaço para re(ex)sistência de gêneros e sexualidades dissidentes”, do Bacharel em Humanidades Alex de Sales Soares, defendido e aprovado com nota máxima, no ano de 2014 na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB).

<sup>6</sup> Em 24 de julho de 2016, na cidade de Luís Eduardo Magalhães, foi encontrado o corpo da trans Sabrina Souza Salles, brutalmente assassinada. Sobre isso, ver o texto <https://blogs.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2016/07/25/quem-vai-marchar-por-nos-sobre-travas-e-monas-mortas/>.

<sup>7</sup> O texto completo com a fala proferida durante a Aula Inaugural do curso de pré-ENEM do Re(ex)sistência LGBT consta do seguinte link, parte do acervo pessoal do coordenador do Programa: [https://drive.google.com/file/d/12ZT\\_2ovOjB8qeFhWrxXLlV11JnyPvU1/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/12ZT_2ovOjB8qeFhWrxXLlV11JnyPvU1/view?usp=sharing).

<sup>8</sup> Das experiências com a ministração desse curso foi possível consolidar o componente curricular de mesmo nome oferecido no âmbito do Bacharelado em História da UFOB, o qual, de 2015 ao presente, teve já duas edições. Atualmente, o Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da UFOB oferece um componente curricular muito próximo da disciplina inicial ofertada às pessoas participantes do Re(ex)sistência LGBT.

<sup>9</sup> As principais ações desenvolvidas pelo Programa Re(ex)sistência LGBT podem ser verificadas no portfólio organizado pelo grupo e publicado pela UFOB neste link: <https://drive.google.com/file/d/1OilGKHA75S7zFCP3LRXPfgcl1IkknToS/view>.

<sup>10</sup> <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/418-enem-946573306/47501-exame-nao-sera-mais-utilizado-para-certificar-o-ensino-medio>.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola**: assujeitamento à ordem normativa. 2012. 278f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n.2, p. 549-559, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016> Acesso em: 30 abril. 2016.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. Tradução de Aparecida Joly Gouveia. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). **Pierre Bourdieu**: escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 2007.

BORGES, Zulmira; PASSAMANI, Guilherme; OHLWEILER, Mariene; BULSING, Muriel. Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul / Brasil). **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 21-38, jan./abr. 2011.

BRANDÃO, Carlos. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura & Brasiliense, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação. **Exame não será mais utilizado para certificar o ensino médio**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/418-enem-946573306/47501-exame-nao-sera-mais-utilizado-para-certificar-o-ensino-medio>. Acesso em: 23 de jan. 2020

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 12.711, em 29 de agosto de 2012. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, Seção 1, p. 1, 30 ago. 2012

BRASIL. Ministério da Educação. **Resultado Final do Edital PROEXT 2016 – PROGRAMAS**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=19541-resultado-final-proext-2016-programas-pdf&category\\_slug=setembro-2015-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=19541-resultado-final-proext-2016-programas-pdf&category_slug=setembro-2015-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 20 jan. 2020.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens. In: DÍAZ-BENITEZ, María Elvira; FIGARI, Carlos Eduardo (Orgs.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CAETANO, Marcio. **Performatividades reguladas**: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação. Curitiba: Appris, 2016.

CAETANO, Marcio; BECH GAIVIZZO, Soledad; GOULART, Treyce. Multiculturalismo e justiça social: reflexões sobre as políticas de ação afirmativa e o ensino superior. **Textura**, v. 19 n. 41, set./dez. 2017. pp. 93-113

CAETANO, Marcio, TEIXEIRA, Tarciso; SILVA JUNIOR, Paulo. Bichas pretas e negões: seus fazeres curriculares em escolas das periferias. **Revista Teias**. v. 20, n. 59, pp. 39-55 out/dez 2019.

COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?**. Salvador: EDUFBA, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; As Heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

LUCAS LIMA, Carlos Henrique. **Linguagens pajubeyras: re(ex)sistência cultural e subversão da heteronormatividade**. 1. ed. Salvador: Devires, 2017.

LUCAS LIMA, Carlos Henrique; FERNANDES, Fabio de Sousa; SOUSA, Denise Diele Alves de; SOARES, Alex Sales; CARDOSO, Jéssica Matos. Ativismos LGBT no Oeste da Bahia: percursos, situação atual e potências políticas. **O Social em Questão - Ano XX - nº 37- Jan a Abr/2017**. 209 pg 207 - 220.

NIEROTKA, Rosi. L. **Políticas de acesso e ações afirmativas na educação superior: a experiência da Universidade Federal da Fronteira Sul**. 2015. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, 2015.

OLIVEIRA, João Manuel de. Cidadania sexual sob suspeita: uma meditação sobre as fundações homonormativas e neo-liberais de uma cidadania de "consolação". **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 68-78, 2013. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822013000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822013000100009>.

POCAHY, Fernando. **Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento**. 2011. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROMANELLI, Otaiza. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SALES, Adriana. **Travestis Brasileiras e escolas (da vida): cartografias do movimento social organizado aos gêneros nômades**. Curitiba: CRV, 2019.

SANTOS, Adilson P. Itinerário das ações afirmativas no ensino superior público brasileiro: dos ecos de Durban à Lei das Cotas. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 12, n. 2, p. 289-317, jul./dez. 2012.

SCOTE, Fausto Delphino; GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Trans-formando a universidade: um estudo sobre o acesso e a permanência de pessoas trans no ensino superior. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 38, n. 2, p. 1-25, jun. 2020. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2020.e65334>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

SIMÕES, Júlio Assis. Marcadores de diferença na “comunidade LGBT”: raça, gênero e sexualidade entre jovens no centro de São Paulo. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?**. Salvador, Edufba, 2011, p. 157-173.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA. Programa Re(ex)sistência LGBT. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1OilGKHA75S7zFCP3LRXPfgcl1IkknToS/view>. Acesso em 31 de jan. 2020

**Recebido:** 30/04/2020.

**Aprovado:** 26/11/2020.

**DOI:** 10.3895/cgt.v14n44.12166.

**Como citar:** LUCAS, Carlos Henrique de; CAETANO, Marcio Rodrigo Vale; SOUSA, Denise Diele Alves de. Invenções heterotópicas no Oeste da Bahia: a experiência do curso de Pré-ENEM do Programa de Extensão Re(ex)sistência LGBT. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 487-503, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

**Carlos Henrique de Lucas**

Rua Professor José Seabra de Lemos, 316, Barreiras, Bahia, Brasil.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

